

HOMENAGEM

FRANCISCO BRENNAND CON-
CLUI EM RECIFE JARDIM COM
PROJETO DE BURLE MARX

3

Dois

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 21 de novembro de 1999

BALÉ

HUBBARD STREET DANCE
CHICAGO SE APRESENTA
QUINTA NA VILLA-LOBOS.

10



REUNINDO SEIS DIRETORES VETERANOS E SEIS ESTREANTES, A COMPETIÇÃO DE LONGAS-METRAGENS PROMOVE DISPUTA EQUILIBRADA A PARTIR DE QUARTA-FEIRA NO CINE BRASÍLIA

CONFRONTO DE GERAÇÕES

Esteban Avellar/Divulgação



Geraldo Moraes dirige atores de *No Coração dos Deuses*, terceiro longa-metragem do cineasta e o primeiro selecionado pelo Festival de Brasília, que este ano dobrou número de longas concorrentes

Klecius Henrique
Da equipe do Correio

OS CINEASTAS ERIK DE CASTRO, 28 ANOS, E ANDRUCHA WADDINGTON, 29 ANOS, NÃO ERAM NASCIDOS QUANDO JOÃO BATISTA DE ANDRADE E JÚLIO BRESSANE FIZERAM OS PRIMEIROS FILMES E PARTICIPARAM DO FESTIVAL DE BRASÍLIA. HOJE ERIK E ANDRUCHA SE PREPARAM PARA DISPUTAR OS PRÊMIOS CANDANGO COM BRESSANE, JOÃO BATISTA E VETERANOS COMO SYLVIO BACK E EDUARDO COUTINHO.

O confronto entre duas gerações começa na quarta-feira na primeira noite da mostra competitiva do festival — a abertura será na terça, com cerimônia para convidados na Sala Villa-Lobos. Na tela do Cine Brasília, João Batista de Andrade (*O Tronco*) e Luiz Villça (*Por Trás do Pano*) iniciam a queda de braço entre os veteranos e estreates. Os mais experientes têm levado vantagem desde o início do fes-

tival: levaram 22 dos 34 Candangos de melhor filme distribuídos até o ano passado.

Com seis veteranos e seis novatos (*ver quadro*), a disputa pelos prêmios do 32º Festival de Brasília começa equilibrada. Entre os diretores, novatos ou não, prevalece o desejo de participar — até aparentemente maior que o de competir. Não se fala em guerra. Todos preferem dizer encontro de gerações. “Todo festival tem que promover este encontro. É bom que se misture gerações do passado com a do presente”, afirma Júlio Bressane, diretor de *São Jerônimo*, atração de sexta-feira, ao lado de *As Gêmeas*, de Andruca Waddington.

O diretor de *São Jerônimo* participou pela primeira vez do festival em 1966, com o curta *Maria Bethânia Bem de Perto*, co-dirigido por Eduardo Escorel. Volta à cidade sempre que a seleção — que o ignorou entre 1969 e 1981 — permite. “Estreei em Brasília aos 19 anos e hoje, aos 53, continuo no festival”, orgulha-se.

O diretor de *Miramar* é apontado pelo novato Wolney Oliveira (*Milagre em Juazeiro*), 39 anos, como “patrimônio do Festival de Brasília”.

Para Wolney, concorrer com Bressane e Sylvio Back já é um prêmio. “A diversidade entre os concorrentes também mostra outro detalhe importante: apesar de todas as dificuldades para se filmar no Brasil, os novos talentos continuam surgindo e os antigos estão conseguindo sobreviver”, observa o diretor, que levou cinco anos e três meses para fazer *Milagre em Juazeiro*.

Divulgação



O diretor Aluisio Didier nas filmagens de *Um Certo Dorival Caymmi*

Wolney só havia participado do festival como diretor do Cine Ceará. “Por estar concorrendo, estou muito mais ansioso. O pessoal não fica calado. Vaia ou aplaude. Isso é muito bom para o diretor”, avalia.

Para Erik de Castro, é uma honra representar o Distrito Federal (“*Senta a Pua!*” é totalmente brasileiro”) e ainda dividir a noite com Eduardo Coutinho, 66 anos, diretor de *Santo Forte* — com o qual ganhou o Prêmio Especial do Júri em Gramado e Margarida de Prata, da CNBB, este ano.

“Não vou ser hipócrita de dizer que não penso em premiação. Entretanto, o desejo de exibir *Senta a Pua!* para profissionais da área, que o festival possibilita, é maior. Dividir o dia com Coutinho é outra honra. Vladimir Carvalho, meu grande mestre, foi assistente de direção

de Coutinho”, lembra.

João Batista de Andrade, 59 anos, que esteve em Brasília pela primeira vez com *Gamal — O Delírio do Sexo* em 1969, disputa o Candango com um ex-aluno: Luiz Alberto Pereira, de *Hans Staden*. Batista foi professor de Pereira (ator em *O Homem que Virou Suco*) na Escola de Comunicação e Arte (ECA) da Universidade de São Paulo.

Não é a primeira vez que este “encontro acadêmico” acontece. Em 1987, o ex-aluno era Wilson Barros com *Anjos da Noite*. O professor concorria com *O País dos Tenentes*, e Barros levou o prêmio máximo.

Encontrar com os jovens na tela, diz Batista, é um estímulo “para que os velhos não vezeibillita, é maior. Dividir o dia com Coutinho é outra honra. Vladimir Carvalho, meu grande mestre, foi assistente de direção

EM COMPETIÇÃO	
VETERANOS	
Eduardo Coutinho	<i>Santo Forte</i>
Geraldo Moraes	<i>No Coração dos Deuses</i>
João Batista de Andrade	<i>O Tronco</i>
Júlio Bressane	<i>São Jerônimo</i>
Luiz Alberto Pereira	<i>Hans Staden</i>
Sylvio Back	<i>Cruz e Sousa — O Poeta do Desterro</i>
ESTREANTES	
Aluisio Didier	<i>Um Certo Dorival Caymmi</i>
Andruca Waddington	<i>As Gêmeas</i>
Erik de Castro	<i>Senta a Pua!</i>
Flávio Cândido	<i>A Terceira Morte de Joaquim Bolívar</i>
Luiz Villça	<i>Por Trás do Pano</i>
Wolney Oliveira	<i>Milagre em Juazeiro</i>

sempre começando. Cada filme, para mim, funciona como se fosse minha estréia. O processo de criação é muito doloroso”, diz o diretor de *Cruz e Sousa — O Poeta do Desterro*.

Aluisio Didier, 41 anos, de *Um Certo Dorival Caymmi*, defende que a única diferença entre estreates e veteranos é mesmo a garra. O novato parece ter mais fôlego. Isso não significa que trabalhe melhor. “O fato é que ou o cineasta acerta ou erra a mão. Isso independe de ser novato ou veterano”, lembra Didier, que esteve em Brasília com os curtas *De Krajcberg a Chico Mendes, Brasília, Uma Sinfonia* e o média *Nosso Amigo Radamés Gnatalli*.

Flávio Cândido, 42 anos, estréia em cinema com *A Terceira Morte de Joaquim Bolívar*. Começou com longa porque percebeu que o esforço para reali-

zação de curta não era muito diferente. Para Cândido, o encontro com os veteranos é saudável. Indica a renovação da produção nacional. “O cinema brasileiro estava se repetindo há muito tempo”, diz.

No filme, o diretor homenageia Glauber Rocha, interpretado pelo cineasta Sérgio Santeiro. Glauber, conta Cândido, subverte *A Terceira Morte de Joaquim Bolívar* ao entrar em cena para rodar filme em Burruchaga, cidade em que se passa a história. “Se vai haver embate entre veteranos e estreates, ele existirá somente na cabeça do público”, conclui Flávio Cândido.

LEIA MAIS
Sobre curtas do festival na página 2